

Quadros de uma velha peça reencenada

Jânio não mudou. E não tem mesmo como mudar seu temperamento enviezado e apelativo. Afinal, sente-se um profeta e está sempre disposto a criar alarde. Se em 25 de agosto de 1961 renunciou à Presidência da República “vencido pela reação”, esmagado pelas “forças terríveis”, o que poderia apresentar à Nação no último sábado, quando desistiu de disputar a sucessão de seu amigo José Sarney? Um risível espetáculo de mau gosto.

Sabe-se, e os jornais têm estampado, que seu desempenho nas pesquisas reúne minguidos (e dispersos) votos de eternos seguidores. Mas Jânio não esperava que sua candidatura fosse pulverizada tão rapidamente pelos ministros de Sarney (e sempre amigos de Jânio): Antônio Carlos Magalhães prefere Fernando Collor, Oscar Dias Correia vai de Aureliano Chaves e outros mais íntimos estão quase embarcando com Ulysses Guimarães. E tampouco que a última pedra no seu caminho seria o insistente brilho de Collor, por muitos identificado como o novo cruzado moralista. Enfim, o espaço de manobra que sobra para Jânio é tão pífio que o obriga a uma retirada regada a lágrimas — e solidárias — de dona Eloá.

O futuro, quem sabe? Jânio diz que está “quase cego”, mas teve um lance de visão ao afirmar, na “Carta aos Brasileiros” publicada ontem, que os problemas do Brasil são graves, embora ele prefira o sentimento do dever cumprido. E os brasileiros respirem mais tranquilos, pois ele poderá se dedicar às leituras e aos vídeos de outros candidatos, enquanto degusta bons vinhos do Porto que trouxe da recente viagem à Europa.

Agora “um simples soldado”, como diz, ele garante que se retira da vida pública. Mas seus mais fiéis colaboradores insistem em desmenti-lo. Augusto Marzagão, do México, avisa que ele deverá anunciar seu apoio a Collor no fim de junho ou julho. Já Luís Paccès, presidente do PSD, prefere ceder seu tempo na televisão, no próximo dia 15, para que o ex-alcaide explique seu gesto teatral de sábado, que ainda lhe rendeu espaço nos jornais.

Mais esperto, o ator Cacá Rosset vai convidar Jânio Quadros para interpretar Argan, em O Doente Imaginário, de Molière. E promete recriar o clima da corte de Luís XIV. Mas não está seguro se contará com numerosa platéia.